

ERICH MARRIA REMARQUE

Se a guerra, mesmo para aqueles que lá não foram, marcou indelévelmente as gerações, de 14 a 18, em todos os países e determinou o estado de espírito que ainda hoje reina, na Alemanha, as desastrosas conseqüências económicas—a profunda miséria, a inflação, etc.—além de terem provocado uma enorme eferescência política que culminou com a subida de Hitler ao poder, marcaram no espírito dos jovens que combateram (e em especial daqueles que sofreram toda a campanha) uma tal impressão que fez deles homens com uma mentalidade especialíssima.

O bloqueio comercial, levado a efeito pelos aliados contra a Alemanha, a-pesar- de apenas ter começado em 1917, arruinou-a completamente, dados os enormes gastos que a guerra exigia e as obrigações da Paz de Versalhes. A duração do conflito, esgotando os *stocks* acumulados, deixava ver as duríssimas condições económicas em que o país ia viver—já em meio da guerra a carência de viveres para os próprios soldados se fazia sentir e, para o fim, até os pensos, em vez de pano, eram feitos de papel.

Acabada a guerra, mais difícil ainda se torna viver. Os impostos cobrados pela entrada de produtos nas cidades não diminuem. Não há viveres. As revoltas alastram. E' neste meio que os soldados, saindo do inferno da guerra, vão viver. E, se os soldados vinham «para sempre identificados» com a guerra, a desesperada situação mais lhes vincou a ideia que anos de sofrimento lhes tinham inculcado. Principalmente aqueles que, antes de partir, não tinham nada que os ligasse à vida, ficaram aniquilados.

Remarque, (1) que foi à guerra, escreveu. E, como não podia deixar de ser, a sua obra é o reflexo da juventude alemã, dos homens que sofreram a guerra e o post-guerra.

A vida alemã dos anos que se seguiram a 18, se a uns levou à revolta e a outros a novos sonhos imperialistas, conduziu os restantes a uma espécie de aceitação ou a uma revolta sem saber concretamente contra quem era dirigida. A incerteza que se nota nos dois últimos livros de Remarque (que pertence a este último grupo) não será um reflexo da incerteza económica e suas conseqüências?

Como escritor, Remarque é um literato consciente e consciencioso. Pelo menos assim o mostra na entrevista concedida às «Nouvelles Littéraires» (transcrita in *Seara Nova*, n.º 588): nela está expressa a necessidade do conhecimento profundo, ou melhor, da vida no próprio meio que se descreve. Por aqui o escritor liga-se às realidades sociais e abandona o subjectivismo estéril ou o pseudo conhecimento superficial e deformador.

Erich M. Remarque publicou em 1929 «A Oeste nada de novo». 1929 foi, para a Alemanha, como os anos que se lhe seguiram, tempo de enorme agitação política. A juventude procurava caminho, desorientada. Tempo do desenvolvimento nazi, do desemprego, de comícios, de adesões aos partidos. Há muito que tinha aparecido «Le feu» de Henri Barbusse, o primeiro grande livro sobre a guerra. «A Oeste nada de novo» obteve um enorme sucesso, rapidamente foi traduzido e em breve apareceu um filme poderosíssimo baseado no livro. De facto merecia-o: «A Oeste nada de novo» era um extraordinário documento humano, verdadeiro, um grito de protesto contra a guerra. A versão cinematográfica—mais ainda que o livro,—explendidamente realizada, venceu no espírito de todos os que a viram um horror enorme (Vide o inquérito feito às crianças escolares parisienses no livro de Marcel Lapiere—«Le cinema et la paix»). E' certo que não atacava o mal onde ele estava: Leon Moussinac diz: «Ce sont les causes de la guerre qu'il faudrait denoncer». E isto Remarque não o fazia. Literariamente é, pelo que se pode avaliar por uma tradução, magnífico. Cenas como a morte do soldado francês, o bombardeamento do cemitério e o ataque do gaz tem um maravilhoso poder de nos fazer ver.

Remarque abre o livro com a seguinte nota: «le livre n'est pas une accusation ni une profession de foi; il essaie seulement de dire ce qu'a été une generation britée par la guerre—même quand elle a échapé a ses obus». E o que abre «A Oeste nada de novo» pode servir para abrir «Regressando da guerra» ou «Camaradas». De facto estes não são mais que a

continuação do primeiro: num são os primeiros choques com a vida, saindo-se do inferno; noutro é a mesma geração, anos mais tarde, buscando alguma coisa que a prenda à existência. Mas isto é de tal maneira trágico que é já uma acusação e, mais do que isso, uma condenação.

«A Oeste Nada de Novo» mostra os homens da guerra: sem preconceitos, sem pudores falsos, camaradas irmanados pelo perigo que faz cair as máscaras que cada um de nós traz no mundo, mas ao mesmo tempo, fúteis, cansados, inúteis, desgostados de si próprios e com o terrível estado de espírito que cria o «nós estamos aqui, mas podíamos estar mortos». São egoístas—com raros partilham o tabaco e a comida, as duas coisas para eles mais importantes. Mas, também, capazes de se lançar no meio do fogo para trazer um camarada ferido, seja ele quem for. Quando partiram tinham ideias sobre as coisas do mundo. Ideias, na maior parte, inculcadas pelos mestres, que os levaram com uma retórica inflamada e óca a alistarem-se como voluntários. E' uma juventude enganada e traída pelos mestres. E Remarque diz: «o primeiro bombardeamento mostrou-nos o nosso erro (de ter acreditado nos mestres) e fez ruir a concepção que tínhamos do mundo». Assim deve ter sido. E, como a guerra não dava tempo para isso, não criaram outra concepção do mundo que os guiasse; quando muito, uma norma de vida para a guerra.

Quando um dia os soldados perguntam uns aos outros o que fariam caso a paz viesse, cada um se põe a sonhar a seu modo—uns ingénuos, outros práticos. Um camponês pensa que ainda chegaria a tempo para as colheitas. Os que tinham profissão antes da guerra, voltariam a ela. Os que ainda a não tinham perguntam: «Depois disto (e mostra o front com um gesto) poder-nos-emos habituar a uma profissão?» E um deles diz, muito bem,—«a guerra fez-nos inúteis». Mais adiante Paul Bäumer confessa: «Estamos cansados como crianças e experimentados como velhos; somos grosseiros, tristes, superficiais. Creio que estamos perdidos». Eis o que os bombardeamentos, a vida das trincheiras—morte, fome, ratos—fez duma geração.

Se, ruma licença, voltam a casa, sentem a profunda diferença entre a vida e o espírito que tinham antes da guerra e o que tem hoje. O que dantes era o principal na vida não tem já significação. E quasi que anseiam voltar às primeiras linhas, para junto dos camaradas.

A guerra vai-se arrastando cada vez mais horrível, os homens vão morrendo e os que ficam esgotados, todos, mais ou menos, alucinados. Ser ferido e ficar impossibilitado para a guerra era, desde há muito, uma das grandes aspirações dos soldados.

O livro termina com a morte de Paul Bäumer, a um mês do armistício, num dia calmo da frente ocidental.

O segundo livro de Remarque foi «Regressando da guerra» («Der Weg Zurück», na edição original alemã, «Après», na tradução francesa). Mais poderoso que o primeiro, nele vemos os soldados, na volta do conflito, procurando de novo juntar-se à vida. Mas se o espírito deles não era muito propenso a isso, a situação alemã também os não ajudava. No principio—Novembro de 1918—assistimos à retirada dos soldados—«terra, uniformes e, por baixo, um pouco de vida»—nos últimos dias da guerra. Vem depois o momento da separação e cada um regressa a casa onde encontra incompreensão, uma ignorância do que foi a guerra, o lar destruído. Os antigos soldados só uns com os outros se sentem bem. A guerra aniquilou os rapazes bons e sonhadores que eles tinham sido—«passou-nos por cima como uma máquina compressora». Rapazes novos procuram agarrar-se à vida, ser como os outros homens. Um deles diz, magnificamente—«Preciso de alguém que me queira para nos podermos apoiar mutuamente na vida. De contrário ficamos loucos». Este mesmo matará, sem remorsos—tinha morto tantos,—o amante da mulher em que ele julgara ver a sua companheira.

Mas na Alemanha há a revolução. Uma revolução mal conduzida. Quem tinha arrastado o país para a guerra e com ela se tinha enriquecido, continua a dirigir os destinos do povo alemão. Ao mesmo tempo uma febre de prazeres alastra. A-pesar-de «espasmos de miséria, de fome e de nervos se vem em toda a parte», todos os dias «surtem novos *bars* e *ca-barets*, os especuladores e traficantes progredem». Alguns soldados traem a camaradagem. Outros alistam-se na Reichwer e, nos motins, não hesitam em atirar sobre os antigos camaradas. E' assim que o tenente Hehl manda matar o judeu Max

(1) Remarque está exilado: o estado nazi mandou que os seus livros fossem queimados. Era de mais, no estado Nacional-Socialista, o escritor consciente do diálogo entre Jorge Rabe e Luis Breyer («Regressando da Guerra», pag. 174-176), de «A Oeste Nada de Novo», e de certas passagens de «Camaradas».

(Continua na página seguinte)